

Bacifi, um festival que celebra a autoralidade

PÁGINA 4



'O Elixir do Amor' no Municipal, 20 anos depois

PÁGINA 6



Fagner desfila seus grandes sucessos no Vivo Rio

PÁGINA 11



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

Peter Jackson nos sets de 'O Senhor dos Anéis': cineasta pode renovar sua investida no universo Tolkien

O legado vivo de Peter Jackson

Envolvido com uma animação baseada nas HQs de Tintin, o cineasta neozelandês invade os streamings com seus documentários e suas adaptações da obra de J.R.R. Tolkien

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Novas viagens à Terra-Média estão por vir. Há um clima de batalha anunciado pelo que promete ser o maior êxito comercial do setor animado em 2024: "The Lord

of the Rings: The War of the Rohirrim". Trata-se de um derivado da franquia "O Senhor dos Anéis" (2001 – 2003), de Peter Jackson, recentemente revivida numa série da Amazon Prime, de J. A. Bayona. Mas o que se vê lembra mais Jackson do que Bayona. A direção é de Kenji Kamiyama.

Seu roteiro narra a história não contada por trás do conflito no Abismo de Helm, ambientado centenas de anos antes da fa-

tídica guerra da Sociedade do Anel contra Sauron. O enredo desse épico em computação gráfica recria os feitos do guerreiro Helm Mão de Martelo, dublado por Bryan Cox. Já se fala em Oscar para o longa. Ao mesmo tempo, a Warner Bros. paquera Jackson pra reatar sua relação com a prosa de J. R. R. Tolkien (1892-1973) no que pode vir a ser um novo longa, uma nova franquia.

Sabe-se lá o que virá desse papo entre

o cineasta e o estúdio, mas, de toda forma, no Brasil, o tesouro literário de Tolkien vai ganhar uma homenagem especial neste fim de semana. No sábado, às 23h59, o Estação NET exibe a animação "O Senhor dos Anéis", de 1978, dirigida por Ralph Bakshi, um dos papas das narrativas lisérgicas.

Em meio às comemorações dos 21 anos de "O Retorno do Rei" (2003), mais aclamado e mais oscarizado tomo da trilogia "O Senhor dos Anéis", Jackson vem levantando um vasto material de imagens de arquivo sobre os bastidores das filmagens da adaptação da saga de J. R. R. Tolkien para um possível documentário. Há tempos, o cineasta anda dedicado mais a narrativas do real do que a ficção, vide o estrondoso sucesso de "Get Back", sobre os Beatles, na Disney +.

A HBO Max anda exibindo um de seus melhores trabalhos nessa seara, a dos docs. revisionistas: "Eles Não Envelhecerão" (2018), sobre a I Guerra Mundial. Estima-se que seu tempo anda dedicado, parcialmente, a uma investigação documental sobre o quadrinista belga Hergé (1907-1983), de quem está adaptando uma aventura do jornalista Tintin. O novo longa ficcional de Jackson deve ser uma animação baseada no gibi "Os Prisioneiros do Sol".

Mas há quem diga que algo ligado a Tolkien saia das mãos Jackson antes disso, embora a Amazon Prime esteja investindo na segunda temporada de uma série baseada no universo da Terra-Média, o mundo capa & espada criado pelo escritor.

Hoje, na HBO Max, é possível conferir a versão integral de cada um dos capítulos da trilogia que Jackson rodou na Nova Zelândia, tendo Viggo Mortensen no papel do Rei Aragorn e Elijah Wood como Frodo. Já na Amazon Prime é possível acompanhar a trilogia "Hobbit", que ele dirigiu de 2012 a 2014.

Continua na página seguinte

Quando interpelado por resenhistas incrédulos frente à dimensão semiótica de espetáculos como os de Jackson, o cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard (1930-2022) costumava retrucar as demandas de seus interlocutores com uma pergunta: “Pra que serve o cinema?”. Agora, nestes tempos de rachas políticos, com a opção de Peter J. de filmar seus novos projetos na surdina, sem alarde, a provocação do realizador de “Acossado” nos serve para uma reflexão sobre o pop: “Para que serve Peter Jackson?”.

Há 22 anos, quando “O Senhor dos Anéis” iniciou sua travessia pelas telas, a resposta seria: “Para mostrar a dimensão política da fraternidade e conagraçamento entre raças num mundo ainda ressaqueado pelo 11 de Setembro, engasgado com Bush”. Foi o que disse Mortensen ao falar de Aragorn em uma de suas vindas ao Brasil, há 20 anos.

Em sua trilogia tolkieniana inicial, o realizador neozelandês fundou um novo formato de épico, que surpreendeu o cinema em dois quesitos. O primeiro quesito era sua engenharia de produção: Jackson rodou os três longas da franquia inspirada em Tolkien de uma só montada, em um período concentrado de um ano e meio de filmagens, por um orçamento estimado em US\$ 94 milhões por episódio – um custo muito aquém das ambições estéticas do projeto. Nem Spielberg conseguia filmar dessa forma tão econômica. O segundo quesito de surpresa para os cinéfilos foi a metáfora política daquela trinca de filmes: num momento no qual Hollywood sentiu o desejo de flertar com tramas hiperrealistas, nas raias do documental, Jackson trouxe um manifesto fantástico em prol da metafísica, que serviu como um balão de oxigênio para o escapismo nas telas. Isso foi em 2001, 2002 e 2003. Muitos Oscars e muitos milhões nas bilheteiras se passaram e uma nova década chegou. Depois outra. Mas Jackson, há muito carente de um sucesso, voltou ao universo que o consagrou como arteção comprovando sua verve autoral: em “O Hobbit” ele mostra que



‘The War of the Rohirrim’ promete ser o maior êxito comercial do setor animado neste ano

Para que serve Peter Jackson?

Divulgação



‘O Hobbit’ está na grade da Amazon Prime

o companheirismo é o assunto-bússola de sua filmografia. Um terreno mágico foi cimentado em “Uma Jornada Inesperada” (2012). Um esforço de revisão formal da carti-

lha do capa-e-espada foi ensaiado em “A Desolação de Smaug”. Mas, no tomo final, “A Batalha dos Cinco Exércitos”, o planejamento de revisar a obra basilar de Tolkien, a

partir do mito de formação da Terra-Média, converte-se em um filme de guerra magistral, à altura dos clássicos bélicos (de “Napoleón”, de Abel Gance, a “Apocalypse Now”,

de Coppola). O formato de aventura de tintas infanto-juvenis dos longas anteriores dá lugar a uma estrutura narrativa mais áspera, de combates incessantes, quebrada apenas por um flerte com a essência da loucura ao mostrar o processo de contágio do anão-rei Thorin (Richard Armitage) pela Febre do Ouro. Nas tomadas de embate, regadas a violência banhada a aço, Jackson oferece ao australiano Andrew Lesnie a chance de construir o arranjo visual mais requintado das duas trilogias. Em suma, “A Batalha dos Cinco Exércitos” é a produção de tons visual mais rijo entre todos os mergulhos de Jackson na literatura de Tolkien, mostrando o amadurecimento do realizador como um esteta plasticamente cheio de ambição e formalmente recheado de um pensamento sobre o valor união entre raças. Pra que serve um Peter Jackson? Serve para fazer o pop evoluir, seja na ficção ou em seus documentários. Que ele estreie algo novo longa. Seja onde for.

ENTREVISTA / PEDRO ANTONIO, CINEASTA

Divulgação



'O fazer rir não deve ficar refém do preconceito'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Os 120 mil ingressos vendidos por "Evidências do Amor", com Sandy Leah e Fábio Porchat, em sua arrancada, deram ao cinema brasileiro um potencial sucesso e consagraram, uma vez mais, a habilidade que o diretor Pedro Antonio tem para conversar com plateias tamanho GG. Há 15 anos, ele vem edificando uma das carreiras de mais alto teor de acerto do país nas comédias, seja em séries e humorísticos ("Lady Night", "2020 volts"), seja em longas, como a franquia "Um Tio Quase Perfeito" (2017-2021). Na entrevista a seguir, concedida de um set em Guarulhos (SP),

onde assina a coordenação da quarta temporada do reality "LOL", o cineasta – filho da produtora Gláucia Camargos e do diretor Paulo Thiago (1945-2021) – fala sobre sua relação singular com o humor.

O tipo de comédia que você faz segue um padrão menos varejão, mais preocupado com as inquietudes dos personagens do que com a piada. Que humor é esse?

Pedro Antonio: Gosto das comédias de Billy Wilder, que iam por essa linha que você diz. Há sempre uma preocupação, no meu cinema, que a narrativa envolva como um todo e a situação cômica seja a cereja do bolo. A experiência de vida dos personagens precisa interessar tanto quando a piada. Meu modo de fazer isso é apostar em extrair algo

de situações corriqueiras de onde nada se espera. Em "Um Tio Quase Perfeito", o fato de o protagonista não saber usar um secador rende risos. É um olhar crítico para a realidade, que vem da minha educação do olhar. Além de Wilder, eu consumo outros filmes. Para "Evidências do Amor", vi "Questão de Tempo", Adam Sandler, Ben Stiller... Do Brasil, gosto muito de "Os Normais" e de "Comédia da Vida Privada". São narrativas de personagem.

Como fazer rir com tantas patrulhas que temos hoje em dia?

Gosto de público. Faço filmes pro público, para plateias amplas. Experimento com a certeza de que fazer humor é um ato de rebeldia e que algo engraçado para um nem

“Ao mesmo tempo que eu ia com meu pai à Cinemateca do MAM, ainda moleque, ver 'Aurora', de Murnau, e 'A Mãe', de Pudovkin, eu adorava Os Trapalhões”

Pedro Antonio

sempre tem graça para outro. A psicologia do outro precisa ser levada em conta. O ponto central é: o fazer rir não deve ficar refém do preconceito. As ações cômicas não se perderam. O que se perdeu foi o desgaste de certos temas, sobretudo as piadas que apostam nas características físicas de alguém. Não há sentido nelas. Agora, a dificuldade da comédia não é diferente da dificuldade em se fazer drama, ação, suspense. "Homem de Ferro", lá em 2008, foi uma revolução. Imagina o que é para a Marvel arrancar algo novo de um "Homem de Ferro 4". É difícil chamar a atenção.

Como foi lidar com duas grifes já consagradas como Sandy e Porchat numa trama sobre um sujeito que regride no tempo e tenta reaver sua amada perdida quando toca "Evidências"?

O desafio era ter duas grifes que tivessem química. Eles têm. Sinatra, Barbra Streisand, Madonna, Lady Gaga e outros tantos ídolos da música aturam, e bem. Acreditava que Sandy tinha esse potencial... e deu certo. Já o Porchat já dera evidências de uma veia de ator forte.

O cinema que você faz se afina muito com a "Sessão da Tarde", que está comemorando 50 anos em 2024. O que esse programa representa para você?

Ao mesmo tempo que eu ia com meu pai à Cinemateca do MAM, ainda moleque, ver "Aurora", de Murnau, e "A Mãe", de Pudovkin, eu adorava "Os Trapalhões" e curti muito a experiência de ligar a TV e ser surpreendido por narrativas leves. Numa época em que não havia internet, ver "Esqueceram de Mim" na televisão, à tarde, era uma experiência quase sagrada. Houve um tempo, nos anos 1990, em que Tom Hanks fazia muitos filmes que se moldavam àquele perfil de filme. Até o Spielberg fez também. Esse cinema ajudou a formar meu amor pelos filmes.



Divulgação

LA ESTRELLA QUE PERDI

Garimpo argentino

Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, o Bafici, apresenta novas estéticas de sua pátria e de outros territórios

Divulgação



EL ROMÁNTICO

Divulgação SIFF



O SONHO DA SULTANA

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Iniciado na quarta-feira (17), o Bafici, um dos festivais de maior prestígio da América Latina, preparou uma triagem exemplar de estéticas dos mais variados cantos do planeta em sua edição de nº 25, que vai até o dia 28. Confira a seguir os achados do evento.

O SONHO DA SULTANA (“El Sueño De La Sultana”), de **Isabel Herguera**: Nascida em San Sebastián, no norte da Espanha, em 1961, e consagrada no cenário mundial do cinema de animação com os curtas “Bajo La Almohada” (2012) e “La Gallina Ciega” (2005), a diretora desta pérola feminista fez de sua terra natal o berço para sua estreia em longas-metragens. Sua



Divulgação

A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

Divulgação



DOLL WOMAN

direção de arte arrebatou o festival anual cidade, encantando representantes da crítica internacional e a classe artística. Saiu de lá com o Prêmio Irizar Basque. Seu tratado feminista parte de um conto sci-fi indiana de 1905 sobre uma nação utópica chamada Ladyland, onde as mulheres estão no Poder.

EL ROMÁNTICO, de **Belina Zavadis-**

ca: Delicada produção documental argentina. Em sua narrativa, Bruno Gelber, pianista portenho consagrado, abre sua vida para as câmeras, num relato que evoca o “Santiago” (2007), de João Moreira Salles. Fã de telenovelas, aficionado por signos, ele sonha ser o homem mais belo do mundo.

COMANDANTE, de **Edoardo de Angelis**: O diretor do premiado “Indivisibili” recria a II Guerra Mundial sob os códigos de um filão de gênero que é um imã de sucesso, vide “Maré Vermelha” (1995) e “A Caçada ao Outubro Vermelho” (1990): os filmes de submarino. Mas seu maior chamariz é a escolha de um dos astros de maior talento e popularidade da Itália hoje: o romano Pierfrancesco Favino. Cabe a ele dar vida ao oficial militar Salvatore Todaro (1908-1942), famoso por seu humanismo no mar.

DOLL WOMAN, de **Tokio Oohara**: Eis um belíssimo representante do cinema japonês, que fala da obsessão de uma mulher por colecionar bonecas. Ela caça a carcaça de brinquedos pelas ruas, por vezes transpondo o limite da legalidade. Um dia, conhece um homem que tem igual compulsão. Como se relacionar com ele?

A PAIXÃO SEGUNDO GH, de **Luiz Fernando Carvalho (Brasil)**: Num “bloco do eu sozinho”, radical, mas afetivo, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento e carisma numa atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

LA ESTRELLA QUE PERDI, de **Luz Orlando Brennan**: Um drama de mãe e filha, que tem o teatro como pano de fundo e conta com o talento de Mirta Busnelli e Ana Pauls. Na trama, uma atriz de prestígio ensaia uma peça comercial, sem grandes méritos estéticos, no empenho de se manter na crista da onda. Mas sua caçula resolve sair de casa, deixando o ninho vazio.

1960, de **Rodrigo Areias**: Um diário afetivo, em imagens de super-8, do arquiteto Fernando Távora, que funciona como um diário e como um registro das transformações de Portugal num período de mudanças políticas na Europa.

CINE SESC

BRASIL, RUTH DE SOUZA

Ruth de Souza faria 104 anos este ano. Pioneira no teatro, no cinema e na televisão, a atriz chegou a ser indicada ao Leão de Ouro no Festival de Veneza em 1954, pelo longa "Sinhá Moça".

DE 1º A 31 DE MAIO



FILHAS DO VENTO

Direção de Joel Zito Araújo.
Brasil. 2005. 85 min.
Ficção. 14 anos

Um incidente familiar separou duas irmãs por 45 anos. A morte do pai faz com que se reencontrem, aflorando e cobrando resoluções para os sentimentos e histórias deixados no passado.



DIÁLOGOS COM RUTH DE SOUZA

Direção de Juliana Vicente.
Brasil. 2022. 107 min.
Documentário. 10 anos

Interpretação ficcional e transcendental da vida de Ruth de Souza, a partir de conversas com a diretora da obra e materiais de arquivos.



A NEGAÇÃO DO BRASIL

Direção de Joel Zito Araújo.
Brasil. 2000. 92 min.
Documentário 12 anos

Baseado em suas memórias e em fortes evidências de pesquisas, o diretor aponta as influências das telenovelas nos processos de identidade étnica dos afro-brasileiros e faz um manifesto pela incorporação positiva do negro nas imagens televisivas do país.



O ASSALTO AO TREM PAGADOR

Direção de Roberto Farias.
Brasil. 1962. 102 min. Ficção.
12 anos

O bando de Tião Medonho rouba 27 milhões de cruzeiros do trem pagador da Central do Brasil, mas decide gastar pouco dinheiro para não despertar suspeitas. Porém um dos bandidos contraria o combinado.



Acesse o QR Code e confira a programação completa das unidades.

sesc

Programação sujeita à alteração sem aviso prévio.

CORREIO CULTURAL



Reprodução

Henrique Bartsch, o autor, conviveu com Rita Lee

Livro raro sobre Rita Lee será relançado em maio

Em maio, no mês em que fará um ano que Rita Lee partiu, a Garota FM Books lançará uma nova edição do livro “Rita Lee Mora ao Lado”, do também falecido Henrique Bartsch. Lançado pela Panda Books em 2006, seu autor não teve a chance de ver o sucesso da história quando ela foi adaptada para o musical “Rita Lee

Mora ao Lado”, que estreou em 2014 com Mel Lisboa no papel de Rita.

Bartsch, engenheiro e músico, faleceu em 2011, deixando quatro filhos, uma guitarra e um baixo construídos por Cláudio César Dias Baptista (chamado “quarto Mutante” por ser quem criava os instrumentos usados pela banda).

Uma bolada

Hugh Grant fez um acordo para encerrar o processo que movia contra o jornal britânico The Sun, acusado de espionar a vida do artista, instalando grampos em seu telefone. O ator não detalhou o valor, mas disse que a quantia é enorme.

Revival

O SBT planeja um reforço para o Domingo Legal com Celso Portiolli nos próximos meses. A atração deve voltar com uma nova versão do clássico Gugu na Minha Casa, quadro de sucesso nos anos 1990 na emissora de Silvio Santos.

Processo criativo

Os processos criativos por trás dos projetos audiovisuais são o ponto de partida do curso que a diretora de arte e cenógrafa Mariana Villas-Bôas ministra neste fim de semana (20 e 21) no Centro Cultural Capiberibe 27, no Santo Cristo.

Não digeriu

Astrid Fontenelle revelou não ter recebido bem a notícia de que seria dispensada do Saia Justa, programa que apresentou durante 11 anos no GNT. A saída foi anunciada em novembro de 2023, depois de 528 programas com ela à frente.



Daniel Ebendinger/Divulgação

‘A ópera conta a história de Nemorino, um agricultor apaixonado que recorre a um charlatão e seu elixir

O amor não tem remédio

Municipal retoma temporada operística com ‘O Elixir do Amor’, de Donizetti

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

A temporada de ópera do Theatro Municipal retorna em grande estilo com “O Elixir do Amor”, ópera cômica de Gaetano Donizetti (1797-1848), com libretto de Felice Romani (1788-1865), sendo a mais executada das 65 óperas deixadas pelo compositor. A nova montagem chega depois de duas décadas ausente do repertório da casa com a participação do Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, regência do maestro titular da OSTM, Felipe Prazeres e concepção e direção cênica do experiente Menelick de Carvalho.

“O Municipal abre suas portas para a primeira ópera da temporada 2024. Depois de um longo período longe do palco do Municipal, nosso Coro e a

Orquestra Sinfônica apresentam ‘O Elixir do Amor’. Esperamos receber um público diversificado e atento a essa obra tão surpreendente, de Gaetano Donizetti, que promete encantar a todos”, convoca a presidente da Fundação Teatro Municipal, Clara Paulino.

“O Elixir do Amor”, que estreou em 1832, foi criada pelo compositor italiano em duas semanas. Sua trajetória nos palcos remonta quase 200 anos de sucesso porque apresenta todos os elementos do Romantismo. Protagonistas, antagonistas, uma heroína desejada em um enredo inspirado na poção mágica de Tristão e Isolda. Porém, em vez da tragédia, envereda pela exaltação do amor verdadeiro em uma obra que explora os temas da passagem à idade adulta, da identidade e da perda da inocência.

Composta de dois atos, “O elixir do amor” teve seu liberto

escrito pelo poeta Felice Romani, responsável por mais de 100 libretos operísticos, entre os quais o de “Norma”, “La Sonambula” e “Lucrecia Borgia”. Para escrever o libretto de “O Elixir do Amor”, Romani baseou-se em uma comédia de Eugène Scribe, em uma história que se passa em uma aldeia italiana do século 19.

Esta ópera é um bom exemplo da música de Donizetti, conhecida por sua beleza melódica, orquestração simples, mas habilidosa, e linhas vocais requintadas, com destaque para a conhecidíssima romanza “Una Furtiva Lagrima”, interpretada pelo personagem Nemorino no fim do segundo ato.

A história se passa em uma aldeia basca no final do século XVIII, onde Nemorino, um camponês ingênuo e pobre, apaixona-se por Adina, rica proprietária de terras, que está interessada em Belcore, um militar de passagem pela região. Nemorino encontra no elixir do amor, comercializado pelo charlatão Dr. Dulcamara, o remédio para curar os males do desamor.

“O Elixir do Amor” é nosso primeiro título operístico do ano. O cativante Nemorino, de puro coração, volta com sua história fascinante ao palco do Municipal, após mais de duas décadas de ausência. A bela música de Donizetti faz dessa emblemática ópera uma das mais queridas de todo o público. Além de cantores consagrados, temos a alegria de assistir a três belas estreias de jovens promessas”, destaca Eric Herrero, diretor artístico da Fundação Teatro Municipal.

SERVIÇO

O ELIXIR DO AMOR
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
De 19 a 28/4, às sextas (19h) e domingos (17h)
Ingressos: Frisas e Camarotes – R\$ 80 (individual) ou R\$ 480 (6 lugares); plateia e balcão nobre – R\$ 60; balcão superior e balcão superior lateral – R\$ 40; e galeria (central e lateral) (R\$ 20)

CRÍTICA / TEATRO / RAUL SEIXAS, O MUSICAL

Raulzito, de corpo e alma

Por Cláudia Chaves | Especial para o Correio da Manhã

Arthur Rimbaud, o jovem poeta francês, aos 17 anos, escreveu a obra prima “Uma Temporada no Inferno”. Seu poema/prosa até hoje desperta a total revolução interna que abusa da alma dos artistas. “Raul Seixas, o Musical” estrelado (ao pé da letra) pelo talentoso criativo e premiado Bruce Gomlevsky, é de absoluta fidelidade à alma do músico.

Além das canções a que, claro, o público faz coro, a peça tem dois enormes acertos em relação à explosão de musicais biográficos. A primeira é a atuação de Bruce que foge da caricatura fácil de Raulzito. O que vemos é uma performance emocionada, com levíssima prosódia da Bahia, ao trazer os pensamentos, as divagações, a produção de um homem angustiado desde sempre. Um sujeito di-

Dalton Valério/Divulgação



Gomlevsky dá vida a Raul e suas angústias

vidido entre a cultura nordestina e as influências do rock; entre ser enquadrado na sociedade ou viver à margem; entre as benesses do sucesso e a necessidade de recolhimento.

O segundo aspecto é a maneira como Leonardo da Selva constrói e conduz o roteiro da peça. O que se tem visto são musicais em que as músicas são desafiadas com textos de permeio - na prática, um concerto com texto. Aqui a dramaturgia é potente em todos os seus aspectos. É a demonstração da jornada de Raul, com as suas ligações com suas raízes, com a Bahia, com a criação. Há rock, mas há capoeira. Há maluco beleza, mas há o maravilhoso baianês de abusar, que é chatear. Há de um tudo, sobretudo, nos textos de Raul que Leonardo inclui de forma inteligente. Um amálgama que nos faz perceber muito além de uma metamorfose ambulante.

Os elementos estruturantes do palco, o cenário no qual os elementos se acumulam de forma desordenada, mas com lógica; a banda de primeira; as luzes que misturam o psicodélico com o transcendental, os figurinos que vão do regular até os exageros de fantasia são capazes de nos mostrar que “Não diga que a canção está perdida, Tenha fé em Deus, tenha fé na vida, Tente outra vez”, como escreveu Raulzito.

SERVIÇO

RAUL SEIXAS, O MUSICAL

Teatro EcoVila Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008) | Até 28/4, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Encarando dilemas

“Peter Pan - Crescer é Preciso” mergulha na jornada emocional do protagonista e seus amigos no enfrentamento da transição para a vida adulta e também ao se depararem com a responsabilidade de cuidar do planeta e do futuro. A peça, focada no público infantil e jovem, explora a beleza e as dificuldades do crescimento pessoal e aborda a relação entre pais e filhos, o poder do perdão e o cuidado vital com o meio ambiente. Com texto e direção de Luccas Papp, está no Teatro das Artes até 26 de maio, aos sábados e domingos (15h).

Divulgação



Divulgação



Estreia nacional

O Grupo Tápias faz neste sábado e domingo (20 e 21) a estreia nacional de “Fantasma”, no Espaço Tápias, na Barra da Tijuca. Falar sobre memória e falar sobre dança; falar sobre arte e falar sobre teatro. É nesse emaranhado que Flávia Tápias, a partir do texto de Fernando Caruso “Os Dois Fantasmas”, apresenta a obra “Fantasma”. A nova montagem é uma coprodução da Residência de Intercâmbio do Festival Dança em Trânsito, em parceria com o Festival Tanec Praha (Praga, República Tcheca) e traz no elenco Flávia Tápias (Brasil), Jitka Cechová (República Tcheca) e Paula Braun (Brasil).

Divulgação



A plateia participa

“Puppet Fiction – Contos Improvisados” está em cartaz no Teatro Poeirinha até o dia 28. É uma improvisação teatral narrativa na qual histórias são criadas no momento a partir de sugestões da plateia na interação entre atores, bonecos (puppets) e música. Um velho e falido escritor, representado por um boneco, é pressionado pelo seu chefe a escrever um conto, mas tem um terrível bloqueio criativo. Desesperado, encontra na plateia a esperança e a inspiração para vencer sua crise, coletando sugestões para escrever um conto que mude sua própria história de fracassos.

SHOW**AVA ROCHA - NÉKTAR**

*A cantora e compositora apresenta seu mais recente álbum, "Néktar". Produzido por Jonas Sá e Thiago Nassif, o trabalho bebe das fontes da música brasileira, latino-americana e universal para desaguar em sonoridades contemporâneas. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Sáb (30), às 19h30. Ingressos entre R\$ 60 (meia) e R\$ 140

CORDÃO DO BOITATÁ

*Referência no carnaval carioca e na MPB, o Cordão do Boitatá faz a festa no show de lançamento do álbum duplo "Dos Pés à Cabeça" no Circo Voador com participações de Marina Iris, Mariana Baltar, Jongu da Serrinha, Alcinéia Martins e Moyses Marques. O Forró do Kiko abre a noite. Sáb (20) no Circo Voador a partir das 20h. Ingressos a partir de R\$ 50 (meia solidária)

JOSIEL KONRAD

*Um dos nomes mais inovadores da nova geração da música brasileira, o trombonista e cantor leva ao palco sua mistura de jazz e funk carioca. Dolores Club (Rua do Lavradio, 10 - Centro). Sex (19), às 21h. R\$ 60 e R\$ 40 (antecipado)

HUMOR**DOUGLAS DI LIMA - VIDA DE CRENTE**

*Com um humor leve e inteligente, Di Lima aborda as diferenças entre as igrejas tradicionais e as mais modernas, destacando as situações engraçadas que acontecem dentro desses ambientes. Teatro Miguel Falabella Norte Shopping (Av. Dom Hélder Câmara, 5474). R\$ 90 e R\$ 45 (meia). Até 2/5.

TEATRO**A QUEBRA**

*O ator Jayme Periard estreia o monólogo "A Quebra" com apresentações neste fim de semana no Theatro Municipal de Niterói (Rua Quinze de Novembro 35, Centro). Sex (20h), sáb (19h) e dom (18h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

TÊMPORA

*Espetáculo aborda temas como ancestralidade, relações familiares, tecnologia e o eterno ciclo da vida, trazendo à cena o cotidiano de uma família em momento delicado. Até 28/4 no Teatro



Cordão do Boitatá

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Cacá Meirelles/Divulgação



Ava Rocha

2 Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539) de qui a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (PCG)

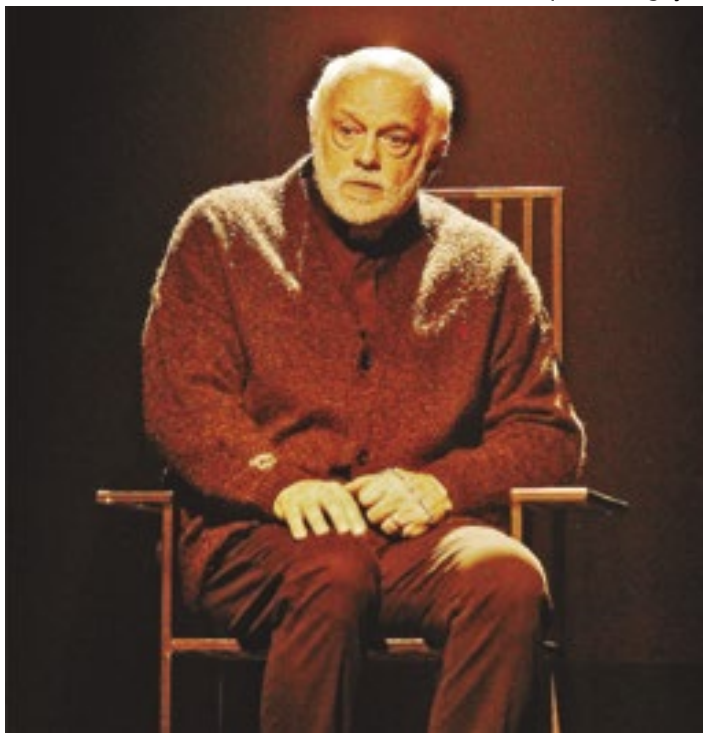
KAFKA E A BONECA VIAJANTE

*O espetáculo retorna ao Rio após itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). Até 28/4

LOTTE ZWEIG - A MULHER SILENCIADA

*Em fevereiro de 1942, o escritor Stefan Zweig e sua esposa Charlotte foram encontrados mortos em seu bangalô. A causa apontada indicava suicídio duplo. Mas, 80 anos depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). Até 28/4.

Luciana Mesquita/Divulgação



A Quebra



Divulgação

Villa-Lobos, cantigas e crianças

UM FILME ARGENTINO

*As complexidades e reviravoltas da vida de um casal numa abordagem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel, 804). Qui a sáb (20h) e dom (18h). Até 21/4

EXPOSIÇÃO**OURO LÍQUIDO**

*A Korb Galeria apresenta a exposição coletiva "Ouro Líquido" e a individual "Invisível", de Fernando Bianchi, com curadoria de Juliana Curvellano, no Centro Cultural Correios RJ, contrapondo visões concretas e urbanas de uma cidade como São Paulo, com a essência da água em seus mais diversos simbolismos, importância vital e ambiental. Até 11/5, de

ter a sáb (12h às 19h) no Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

KRAJCBERG & ZANINE

*Exposição inédita reúne trabalhos do artista polonês Frans Krajcberg e do arquiteto Zanine Caldas, pioneiros da luta ambiental, que tem como matéria-prima madeiras oriundas de desmatamento. Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo). Até 18/5. De ter a sex (11h às 19h). Sáb (12h às 17h). Grátis

ÀWÚRE

*O artista plástico Caio Truci apresenta a exposição "Àwúre", retratando os orixás de diversas maneiras. Até 20/4 no Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro), de ter a

Divulgação



Lotte Zweig - A Mulher Silenciada

Drone Rio/Divulgação



Carioquíssima

sáb (12h às 19h). Grátis

PAISAGEM DE UM MUNDO PARTIDO

*A artista Gloria Seddon transporta o espectador a um mundo de sensações e percepções palpáveis e de sentimentos de angústia e impotência, mas também de esperança. Galeria Antonio Berni (Praia de Botafogo, 228 - sobreloja). Até 19/4, de seg a sex (10h às 17h). Grátis

TECIDO URBANO

*Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66 - Centro), a exposição resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19 artistas independentes e curadoria de Raimundo Rodriguez. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

LUZES

*O artista plástico francês Jérôme Poignard apresenta 40 telas que captam paisagens urbanas de cidades emblemáticas como Paris, Rio, São Paulo e Londres. Até 15/5 no Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro) de ter a sáb (12h às 19h). Grátis

INFANTIL**VILLA-LOBOS, CANTIGAS E CRIANÇAS**

*Em uma combinação lúdica de música, encenação e animações 2D, o espetáculo baseado nas cantigas populares recolhidas e sistematizadas pelo Maestro Heitor Villa-Lobos traz uma experiência imersiva nas tradições culturais brasileiras. Até 27/4 aos sáb e dom (11h) na Ecovilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, nº 1008)

CARIOQUINHAS

*A história do Rio para crianças, desde seu descobrimento até os dias atuais. Até 28/4, sáb e dom (16h) no Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

FAZ & CONTA

*Em abril, o projeto "Faz & Conta" do Américas Shopping promete animar a criançada. A cada domingo, os pequenos e suas famílias vão poder conferir espetáculos diferenciados, encenados pela Cia Teatro de Bolso. A programação é gratuita e acontece sempre às 17h, na Praça de Alimentação do empreendimento (Piso L2). No domingo (21), a atração fica por conta do "Sítio do Pica-Pau Amarelo".

EVENTO**CARIOQUÍSSIMA**

*O Dia Mundial da Criatividade mobiliza o Rio com atividades gratuitas no fim de semana. No dia 19, uma programação inspiradora com diversas palestras, oficinas e talks acontecem na Unisuam. Nos dias 20 e 21, tem edição especial da Feira Carioquíssima com exposição de arte, moda, gastronomia e muita música no Parque Glória Maria, em Santa Teresa.

QUILOMBO DE BAÍA FORMOSA

*Entre os dias 19 e 21, Armação de Búzios, na Região dos Lagos, recebe, na Praça Santos Dumont, a 2ª Edição da Feira Cultural Quilombo de Baía Formosa. O evento reúne música, gastronomia, moda, artesanato, capoeira, ciranda e performances, tudo com entrada gratuita.

Localizado no paradisíaco Morro da Urca, no Parque do Bondinho, o TIM Music Noites Cariocas chega à sua terceira (e penúltima) semana com shows de dois nomes imensos da MPB, cada um com seu caminho de sucessos pavimentado pelo carinho do público. São eles Zeca Pagodinho nesta sexta-feira (19) e Ana Carolina no sábado (20).

Às vésperas de lançar o DVD comemorativo dos 40 anos de carreira, gravado ao vivo no Estádio Nilton Santos, o Engenhão, Zeca Pagodinho vai apresentar ao público um show com repertório matador, repleto de sucessos daqueles de cantar junto como “Camarão Que Dorme a Onda Leva”, “Verdade”, “Deixa a Vida Me Levar”, “Judia de Mim”, “Maneiras”, “Quando a Gira Girou” e “Ser Humano”. Além disso, o cantor que conta com mais de 12 milhões de cópias vendidas, 8 indicações ao Grammy e quatro estatuetas vai atacar de “Coração em Desalinho”, “Vai Vadiar” e “Seu Balancê”.

Após esta apresentação, o artista inicia turnê nacional passando por capitais como São Paulo, Florianópolis, Curitiba, Porto Alegre, Brasília, Salvador e Recife.

Já Ana Carolina leva ao mais longo festival de música da cidade o aclamado show “Ana canta Cássia – Estranho Seria Se Eu Não Me Apaixonasse Por Você”, um espetáculo inteiramente dedicado ao repertório inesquecível e atemporal de Cássia Eller. O show é uma conexão direta da artista com a jovem garota mineira, que aos 16 anos ouviu Cássia pela primeira vez, apaixonou-se e nunca mais deixou de ser fã de camiseta, como se define.

“São sentimentos muito contraditórios quando penso neste show. Primeiro, jamais imaginei que seria possível um dia poder cantar o repertório da Cássia. Obviamente era um sonho íntimo, desde antes do início da minha carreira. Quis o destino que agora, em pleno 2022, quando Cássia faria 60 anos, que esse projeto surgis-



Zeca Pagodinho leva sua alegria e descontração ao Morro da Urca

Noites cariocas (e ecléticas)

Zeca Pagodinho e Ana Carolina são as atrações do terceiro fim de semana do festival do Morro da Urca

se e fosse sugerido justamente para mim”, diz Ana Carolina.

A cantora rebobina os sentimentos e conta que tudo começou no ano de 1990, quando morando em Juiz de Fora, ouviu “Cássia Eller – Disco 1”, álbum de estreia da cantora carioca, e até hoje um dos prediletos de Ana. O impacto foi imediato. “Eu tive a certeza naquele momento que aquela voz potente vinha pra ficar pra sempre e que jamais haveria outra igual”, destaca Ana Carolina.

“Tudo no universo musical da Cássia me influenciou. Aquela voz feminina com tanta presença e personalidade. Eu dava meus primeiros passos na música e não tenho a menor dúvida que dali tirei muito da minha formação musical e do que achava ser importante ter nas canções e no palco.

A influência de Cássia no DNA de Ana extrapola o universo artísti-

co e tem profundidade no âmbito pessoal. Foi Cássia, a primeira figura pública assumidamente bissexual, que serviu de espelho para que a ainda jovem mineira também se entendesse e futuramente se tornasse referência para tantas pessoas quando o assunto é sexualidade. “Uma mulher tão à frente do seu tempo, com uma postura libertária e sem a preocupação do que as pessoas pensavam dela. Ali também comecei a me entender, entender minha sexualidade. Foi libertador”, relembra.

Ana Carolina se apresenta ao lado de uma banda composta por Juliano Valle (teclados, programações, voz), Theo Silva (guitarras e violões), Lancaster Pinto (baixo e voz), Thiago Faria (violoncelo e voz), Cesinha (bateria, cajon, Kokoriko e voz), Leonardo Reis (percussão, cajon, Kokoriko e voz).

Para chegar no repertório, Ana Carolina estudou a extensa discografia por meses até chegar num setlist ideal que retratasse a grandeza de Cássia Eller. “Tocamos as versões originais à exaustão para entender minuciosamente cada uma delas. Só aí que começamos a repensar em arranjos, para trazer uma releitura que conversasse comigo e que não renunciasse o DNA de Cássia em nenhum momento”.

“Dentro do meu universo, espero com essa turnê retribuir de alguma forma todo o carinho e acolhimento que recebi da Cássia. Meu desejo é que essa obra e artista tão potentes se mantenham vivas, conheçam novos públicos e que permaneçam sempre no imaginário do brasileiro. Cássia merece todo nosso amor”, finaliza.

SERVIÇO

TIM MUSIC NOITES CARIOCAS*

Parque Bondinho Pão de Açúcar (Av. Pasteur, 520 - Urca)

19/4: Zeca Pagodinho (23h30)

20/4: Ana Carolina (23h30)
Ingressos a partir de R\$ 180 (meia)

*Abertura do bondinho: 21h30



Ana Carolina celebra a grandeza artística de Cássia

Vera Donato/Divulgação

Divulgação

Fagner, de Orós para o mundo

Cearense repassa seus grandes sucessos em turnê comemorativa dos 50 anos de carreira

Com ingressos esgotados, o Vivo Rio será palco neste sábado (20) de um passeio por uma das mais prolíficas e importantes (além de bem-sucedidas) carreiras da MPB. O cearense Raimundo Fagner comemora 50 anos de carreira, contados a partir do lançamento de seu primeiro disco, “Manera, Fru Fru, Ma-



Washington Possato/Divulgação

Fagner despontou em 1973 com seu primeiro álbum

nera: o último Pau de Arara”, de 1973. O álbum já era uma carta de intenções do que viria depois e já contava com parcerias dele com Belchior (o clássico “Mucuripe”) e com Ronaldo Bastos (“Tambores”), além de “Canteiros”, o poema de Cecília Meireles musicado pelo bardo de Orós e que até hoje é um de seus maiores sucessos.

Com um álbum de estreia que chamou a atenção do Brasil, Fagner tornou-se um dos expoentes da chamada Turma do Ceará (que incluía nomes como Belchior e Ednardo) e construiu uma carreira sólida na MPB, que abrange outros gêneros, mas sempre deixa evidentes suas raízes nordestinas.

Raimundo Fagner Candido Lopes

iniciou sua carreira ainda pequeno. Aos seis anos de idade, no dia das mães, ganhou o prêmio de melhor intérprete pela música “Mãezinha Querida”, na Ceará Rádio Clube. Na adolescência, integrou alguns grupos vocais e começou a compor suas próprias canções. Em 1968, aos 19 anos, participou do IV Festival de Música Popular do Ceará, interpretando a canção “Nada Sou” e foi premiado como Melhor Intérprete do Festival.

Nesta noite de celebração, o artista cearense promete emocionar o público com canções que abarcam todas as fases de sua caminhada musical como a vibrante “Coração Alado”; sua pungente releitura para “As Rosas Não Falam”, o clássico de Cartola; os poemas musicados de Florbela Espanca; e o lado seresteiro destacado no surpreendente álbum “Serenata”, lançado em 2020 em plena pandemia.

SERVIÇO

FAGNER - 50 ANOS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

20/4, às 21h

Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Otto Vay/Divulgação



Etarismo não!

A vida e a música de cinco mulheres brasileiras, cinco artistas cheias de assunto, força, potência. Cheias de graça. Elas são Ana Costa, Andrea Dutra, Crikka Amorim, Germana Guilherme e Patricia Mellodi, que formam o Coletivo 50+, que celebra a vida exuberante depois dos 50 anos. Elas apresentam nesta sexta-feira (19), às 19h30, no Teatro Rival Petróbras o show de lançamento do primeiro EP do grupo.

Guilherme Scarpa/Divulgação



O amor no ar

Danni Carlos apresenta nesta sexta (19), a partir das 22h, no Blue Note Rio, o show “Muito Romântica”, uma homenagem ao amor e aos grandes compositores da nossa música brasileira. “Ser muito romântica para mim é topiar a viagem da descoberta de si através do outro. É querer dividir e comentar o mundo de mãos dadas. É sonhar e também acordar junto! Foi por amor que eu nasci, foi dele que nasceu minha arte”, diz Danni.

Divulgação



35 anos de arte

São 35 anos desde que Ceumar começou a cantar nas noites de Belo Horizonte, em 1989, aos 20 anos de idade, quando estudava violão clássico na Fundação de Educação Artística. Durante cinco anos viveu em Amsterdam e apresentou-se na Holanda e em países como Bélgica, Itália, França, Portugal e Israel. Brilhou em bares, clubes e festivais de jazz. Neste sábado (20), a cantora é atração no Blue note Rio com show comemorativo à data.

Divulgação



Na berlinda

Reconhecida por sua diversidade nas referências rítmicas, a Academia da Berlinda, que completa 20 anos, volta ao Circo Voador nesta sexta-feira (19) para celebrar duas décadas de trajetória. A apresentação faz parte da turnê da banda pernambucana pelo Brasil. “É sempre uma emoção muito grande se apresentar no Circo, porque traz à memória a nossa história e a de tantos artistas importantes que já passaram por lá”, destaca o vocalsita Alexandre Urêa.

Paulo-Roberto Andel

Me dá um barão?

Eu era garoto, tinha uns dez anos. Certamente minha vida foi melhor do que a de 90% das outras crianças, mas estive longe de ser fácil. Estávamos muito pobres, meus pais batalhavam demais. Surgiu o Barão, em meio à inflação. Era um sonho. Eu quero um Barão. Você me empresta um Barão? A nota de 1.000 cruzeiros estrelada pelo Barão do Rio Branco.

Foi uma das cédulas mais queridas pela população, embora a maioria não tivesse nada.

O Barão me traz à tona um tempo distante, longe de ser fácil mas que me dá saudade. Não é saudosismo, mas saudade. É que essa coisa dos sete aos 14 anos passa com velocidade astronômica, a gente não aproveita direito e, quando vê, tudo voa longe.

No tempo do Barão, meu grande sonho era o lanche no Bob's da Domingos Ferreira. Às vezes meu pai me levava lá. Minha mãe preferia o da Avenida Copacabana, ao lado do Externato Santo Antônio. Tudo se foi.

Ou ganhar um time de botão cristal Gulliver. O do Fluminense era lindo, verde vivo, com o escudinho envolto por um círculo amarelo. Wendell, Miranda, Moisés, Edinho e Carlinhos; Pintinho, Cléber e Rubens Galaxe; Doval e Zezé. Faltou alguém. Ou uma linda bola de couro com 32 gomos e me sentir um craque feito aqueles que apareciam no "Gol: o grande momento do futebol", programa da Band apresentado por Alexandre Santos, só com gols, gols e gols maravilhosos. Tinha Ademir da Guia, Leivinha, Ailton Lira, Edu Bala, Sócrates, Palhinha, Serginho e também as feras do Rio: Luisinho, Tita, Nunes, Cláudio Adão, Roberto, Zico, Luisinho das Arábias. Sonhar com os times de vidrilha da loja de brinquedos

Dom Pixote, que ficava na Santa Clara, bem em frente às Massas Suprema com seus inigualáveis pasteizinhos.

Outro sonho de garoto: ir à Kayat Sports da Figueiredo Magalhães (que não sei ao certo se era do Seu Carlson Gracie ou não) e comprar o escudo tricolor bordado, lindo, mais um número 5 verde, do Edinho, daqueles de grudar na camisa passando ferro. Com o escudo e o número, era só comprar uma camiseta Hering branca e fazer a camisa de futebol mais bonita do mundo. O problema era que dinheiro não era nada fácil e conseguir um Barão...

A gente jogava bola na vila, quase todo dia. Na praia também, até o início da noite. Quando escurecia, não dava pra ver mais nada. Ver a praia de Copacabana hoje toda iluminada é engraçado: os mais jovens nem sabem que a iluminação só começou em fins dos anos 1980, talvez 1988 se não me engano. Morria de medo de tirar uma nota vermelha. Podia perder a bolsa de estudos. Não podia errar.

Via desenhos animados com minha mãe. Flintstones, Pepe Legal, Papa Léguas, Corrida Maluca. Até hoje vejo no YouTube. Só falta a mãe do lado.

Às vezes a gente jogava botão no Shopping dos Antiquários. Só fiquei chateado um dia, quando os amigos não queriam que eu participasse do campeonato porque "ganhava tudo". Eu podia até ganhar, mas minha alegria era jogar. Até hoje me sinto bem só de mexer nos botões em casa.

Quando tinha grana em casa, minha mãe fazia Strogonoff e bife à rolê. Nos tempos de maré baixa, carne moída com arroz, ou asas de frango. Pouco importava: com ela e meu pai em casa, eu acreditava em felicidade plena.

Viva Dori Caymmi!

Nana Moraes/Divulgação

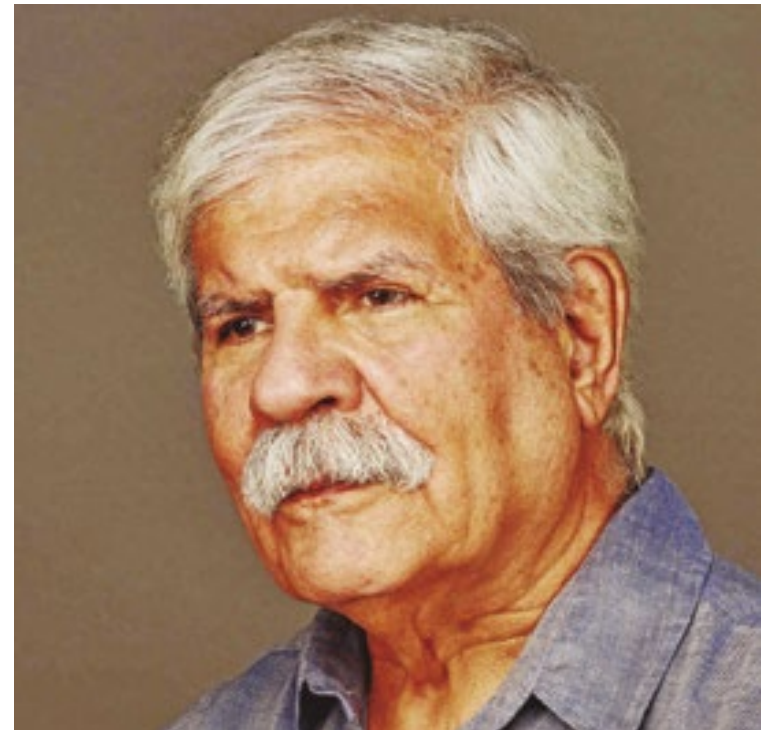
Por Aquiles Rique Reis*

Sei não, mas há discos que eu deveria me declarar impedido de comentar, tamanha é a admiração que tenho pelo trabalho de alguns colegas. Que isenção terei, por exemplo, para falar do novo álbum do Dori, o Prosa e Papo (Biscoito Fino), que comemora os seus 80 anos trazendo parcerias com Paulinho Pinheiro (nove) e Roberto Didio (duas)? Difícil, né? Mas fazer o quê... seja o que Deus quiser.

São 11 faixas, oito inéditas. A produção é do contrabaixista Jorge Helder e todos os arranjos são de Dori, que escreveu no release: "Este disco começou influenciado pela cabeça do meu pai, pelas coisas que ele dizia pra gente e que ficaram na minha cabeça". Beleza! Grande ideia! Melhor, impossível!

Vamos a algumas músicas. "Prosa e Papo" (<https://youtu.be/cJ82mTtWD6U?si=ZI-7ciOkCXNOGlfOH>), de Dori e Paulo César Pinheiro, com participação do MPB4: o arranjo do nosso maestro Paulo Malaguti Pauleira nos pôs a cantar basicamente em uníssono. Dori elogiou o arranjo e, como costuma fazer, elogiou também o uníssono. Orgulhosos, dividimos o canto com ele, restando-nos um baita orgulho. Instrumentistas presentes nesta faixa: Dori (violão), Itamar Assiere (piano), Jorge Helder (contrabaixo), Dirceu Leite e José Carlos Bigorna (flautas sol e dó), Jurim Moreira (bateria) e Marcelo Costa (percussão).

"Canto Sedutor" (Dori e Pinheiro): Dori canta acompanhado por seu violão, pelo piano de Bill Cantos e pelo baixo elétrico de Jorge Helder. A fera reservou para si uma canção que soa à perfeição para sua voz incrivelmente



Dori Caymmi: 'Esse disco começou influenciado pela cabeça do meu pai, pelas coisas que ele dizia pra gente e que ficaram na minha cabeça'

Divulgação



bonita, com graves profusos, diferente de qualquer cantor que já tenhamos ouvido. Aliás, minto, se sua voz não é igual, é bem parecida com a de seu pai Dorival.

"Evoé, Nação!" (Dori e Roberto Didio): participação especial de Joyce Moreno e Mônica Salmaso. O assvio de Tutty Moreno soa na intro. Joyce e Mônica entregam suas vozes para que Dori sinta-se amparado e brilhe com elas.

"Canto para Mercedes Sosa" (Dori e Didio), com participação especial de Renato Braz: o

quarteto de violoncelos (Iura Ranevsky, Flávia Chagas, Claudia Grosso e Marcio Malard) inicia o arranjo. Renato Braz vem com tudo! Junto com os celos, seu canto é ainda mais incisivo. Dori aconchega a sua voz, para logo fazer vocalizes sob o canto de Renato. A homenagem a Mercedes Sosa é comovente.

"Chato" (Dori e Pinheiro), com participação especial de João Cavalcanti: Dori inicia cantando este samba com letra divertida. Capricha nas divisões e dá o protagonismo para Cavalcanti, um ótimo cantor! O intermezzo de trombone (Marlon Sete) dá ao arranjo um clima de baile.

"Canção Partida" (Dori e Pinheiro): um dos maiores atributos de Dori, além das suas composições e voz, é a técnica, a sonoridade de seu violão. E é com ele que a intro conta. O canto vem dolorido. Mas o violão de sete cordas de Julião Pinheiro e o cavaquinho de Ana Rabello dão a Dori o tempo para se comover. Que final de disco mais intenso. Viva Dori Caymmi!

*Vocalista do MPB e escritor

ENTREVISTA / TARSILA AMORIM - DIRETORA DE DUBLAGEM DE 'IWÁJÚ'

Disney

Por Pedro Sobreiro

O mês de abril marca uma estreia muito especial no catálogo do Disney+. Em parceria com o estúdio panafricano Kugali, a Disney lançou sua primeira série animada nigeriana. Em 'Iwájú', o público vai acompanhar a história de uma garotinha que vive em uma cidade de Lagos futurista, na Nigéria. Ela ganha de presente do pai, um cientista, um lagartinho robótico capaz de fazer coisas incríveis. Porém, isso desperta a atenção de criminosos, que estão doidos para pôr as mãos no animal.

A convite da Disney, o CORREIO DA MANHÃ conversou com Tarsila Amorim, a diretora de dublagem da série, para entender melhor como foi trabalhar em uma adaptação dessa série carregada de valor cultural.

Tarsila, que já trabalha com a Disney há muitos anos, seja como dubladora ou como diretora de dublagem, definiu 'Iwájú' como seu maior projeto.

"É o meu trabalho de mais impacto, é o trabalho de maior importância que foi confiado a mim. É uma honra, porque é uma obra com tanto valor e representatividade cultural e racial. Dar voz brasileira com o cuidado e o respeito que ela merece é um desafio e uma alegria", explicou.

Na entrevista, ela fala mais também sobre a diversidade e esse processo de trabalhar com a Disney.

CORREIO DA MANHÃ: A série tem personagens com sotaques carregados. Como foi adaptá-los para o português?

TARSILA AMORIM - "O sotaque é uma coisa que a gente lida com todos os produtos de dublagem. Seja em produções da Inglaterra, da Austrália, de diferentes regiões dos Estados Unidos... Todos têm um sotaque diferente, mas isso não é abordado, porque o sotaque, nessa questão não é relevante. Em 'Iwájú', o grande desafio é que temos personagens falando dialetos diferentes. Então, tem um inglês formal, usado pelo pessoal rico da



"Iwájú" é a nova animação da Disney em parceria com o Kugali, estúdio africano

Diversidade na dublagem

ilha, e tem o 'pidgin', que é um inglês simplificado com uma mistura de palavras em Iorubá e outras palavras de línguas locais da Nigéria, que tem, se não me engano, dois ou três idiomas oficiais. O desafio foi notar esses dois linguajares e tratar isso como um português formal e outro português mais cheio de gírias, que representassem um povo que não teve acesso a uma educação mais erudita. É uma questão que não tem a ver com sotaques, a gente não poderia ignorar essa questão de que havia dois idiomas diferentes interagindo."

CM: Hoje se fala muito na inclusão das 'vozes pretas' na dublagem. A Disney pediu algo assim para a série?

TA - "Eles fizeram, sim, um pedido para tentarmos ser inclusivos. E em um país como o nosso, com

tantos atores talentosos e mais de 50% da população negra, não tinha por que a gente não fazer um elenco 100% negro. Cada ponta, cada vozerio e cada personagem, do que tem mais destaque ao mais simples, foi interpretado por um ator negro ou autodeclarado pardo. É importante que a inclusão seja feita em qualquer série, mas se em 'Iwájú' a gente não tiver um elenco 100% negro, vai ter onde?"

CM: E como foi trabalhar com esse elenco?

TA - "A gente teve tempo para trabalhar, o que nos deu a chance de abrir portas para atores iniciantes na dublagem. Por isso, artistas com menos experiência tiveram tempo para entregar um trabalho nota 10, porque um ator talentoso pode não estar muito familiarizado a velocidade do ritmo da dubla-

gem, mas se você dá um terceiro, um quarto 'take', ele entrega coisas brilhantes. A gente teve o privilégio de ter tempo para gravar essa série. E nós contamos com uma tradução adequada, porque um texto bom ajuda qualquer dublador, seja ele experiente ou não, e tivemos também o tempo no estúdio. A gente acabou trabalhando com atores que têm mais experiência em teatro que na dublagem. Em teatro, a gente tem tempo de mastigar o texto, criar o personagem, levar o texto para casa... É um processo de muita imersão. Na dublagem, a gente não costuma ter esse tempo todo. A gente assiste a cena, repete o 'loop' se precisar marcar uma pausa ou uma reação e grava na terceira. Esse é o padrão de trabalhar com dublagem. Mas uma pessoa que não esteja familiarizada precisa de tempo.

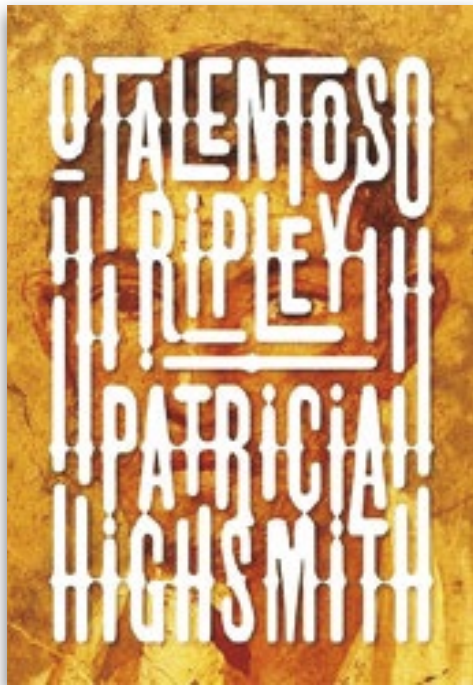
E a gente teve esse tempo. Foi um grande processo de aprendizado para todos. O elenco não tinha apenas atores com menos experiência, mas foi uma porta de entrada para pessoas ainda não tão estabilizadas no mercado da dublagem pudessem ter um trabalho nesse porte no currículo."

CM: E como foi a participação da Disney na dublagem?

TA - "Existiu uma orientação da Disney Global, que fez uma conferência com diretores de dublagem do mundo inteiro. Todos nós assistimos um 'briefing' que falava sobre essa diferença no linguajar das pessoas e incentivar a conversa com o time da tradução para que não virasse algo caricato ou pejorativo, que pudesse diminuir alguém. A gente chegou a um acordo e conversou com o pessoal criativo da Disney para garantir que estivesse certinho como vocês vão poder conferir no Disney+. Conteí com a ajuda de várias pessoas da tradução. Eu encabeço a direção, mas não foi um trabalho que fiz sozinha. Foi um trabalho coletivo muito grande para entender essa adaptação para o português."

CRÍTICA / LIVROS

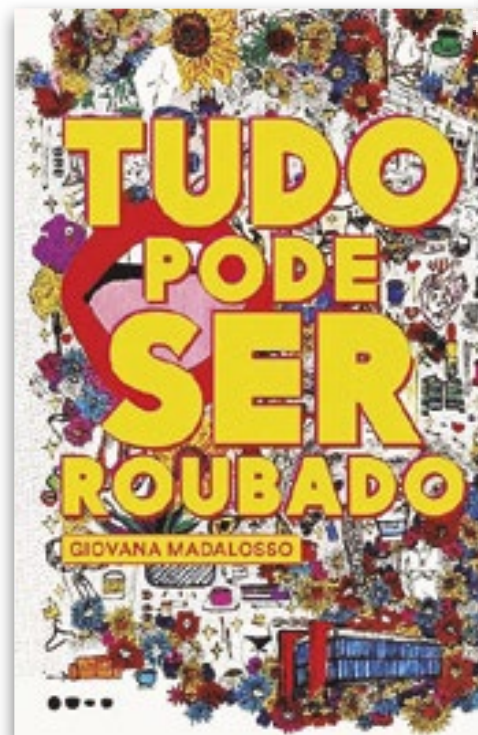
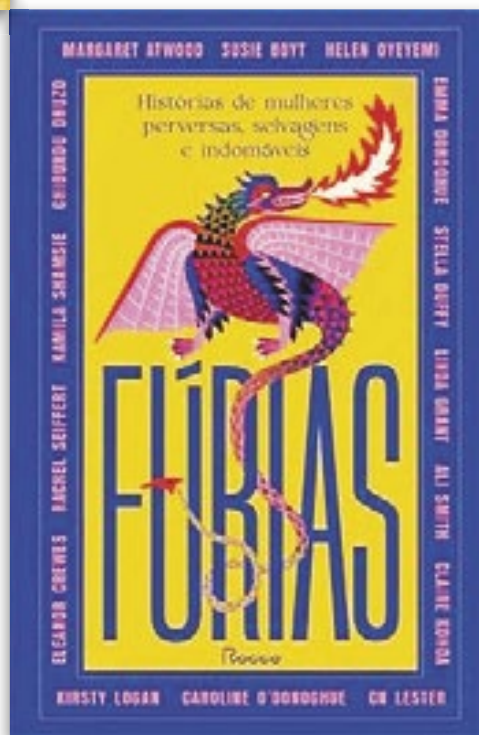
Suspense nunca há de faltar por aqui



Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Suspense nunca há de faltar na literatura. Nem sempre associados a crimes, o suspense segura o leitor mais do que reviravoltas amorosas. O linguista Paulo Rónai aconselhava quem pretendia aprimorar o vocabulário em idioma estrangeiro que lesse thrillers, pois o interesse em saber o autor do crime levaria até o fim do volume – e a uma maior familiaridade com a outra língua.

Mestre do suspense ligado a delitos é a paranaense Giovana Madalosso, com suas personagens sem o menor laivo de culpa quando roubam, sequestram ou apenas mentem na cara dura, percorrendo uma São Paulo de diferenças sociais profundas, na qual sobreviver parece sempre impelir para a marginalidade. Lançado em 2018, *Tudo pode ser roubado* (Todavia, R\$ 56,90) traz como protagonista uma garçoneite que, na folga, furta roupas, joias e objetos de luxo de homens e mulheres com quem se envolve romântica e/ou sexualmente. Contratada para pegar um exemplar raro de *O Guarani*, de José Alencar, ela precisa seduzir o dono do livro, com apoio de um vigarista por quem acaba se apaixonando. A in-



tensidade do texto é tamanha que fica difícil deixar de torcer por um bom desfecho para os desgarrados que transitam pela história.

Com uma carreira consolidada como autora de thrillers, com mais de 5 milhões de exemplares vendidos mundo afora, a britânica Lisa Jewell tem pelo menos um título fora da mesmice do gênero – *A família perfeita* (Intrínseca, R\$ 69,90) – e outros que geralmente tratam de uma situação relativamente frequente: o desaparecimento de pessoas que não deixam bi-

lhetes de despedida nem têm razão para abandonarem a família e sua rotina. Em *A noite em que ela desapareceu* (Intrínseca, R\$ 59,90), Jewell aborda a angústia de uma mulher a partir do momento em que a filha adolescente e o namorado não retornam para casa, deixando com ela o netinho, um bebê. Não falta uma crítica velada ao sistema através da inoperância policial na busca de pistas até, dois anos depois do sumiço dos namorados, uma escritora de thrillers chegar à cidadezinha onde os jovens moravam.

Se a narrativa segue a fórmula mais recente das novelas de suspense, entremeando capítulos que vão e voltam do passado, a trama apresenta personagens bem delineados, com pais prontos a cometer toda sorte de delitos para proteger os filhos e a escritora em dúvida se deixar um emprego remunerado para se dedicar à ficção e viver ao lado de um professor, abandonando a cidade grande, é uma escolha ou a fuga da solidão.

Tom Ripley, o escroque sem qualquer escrúpulo, criado pela

americana Patrícia Highsmith, ganha novo rosto, o do irlandês Andrew Scott, que estrela a série da Netflix *Ripley*, baseado na série de livros criada pela escritora. O personagem surgiu em 1955, em *O talentoso Ripley* (Intrínseca, R\$ 79,90), e esteve à frente de quatro outros volumes em que tripudia quem atravessa seu caminho. Patrícia Highsmith é uma das mais reverenciadas escritoras de suspense mundiais, com diversas histórias adaptadas para o cinema, entrelaçando personagens notadamente psicopatas com os que cometem erros graves e são consumidos pela culpa.

Alguns crimes e episódios violentos são tratados nos contos de quinze escritoras reunidos em *Fúrias: histórias de mulheres perversas, selvagens e indomáveis* (Rocco, R\$ 79,90), para comemorar os 50 anos de fundação da editora britânica Virago. A casa editorial sempre se definiu como feminista e as autoras da coletânea, das quais as mais conhecidas do público brasileiro são Margaret Atwood, Emma Donoghue e Ali Smith, criaram histórias que tratam da condição feminina em diferentes situações e épocas, incluindo a da mulher que fundou o primeiro sindicato de empregadas domésticas do mundo.

Contas um conto?

(PRIMEIRA PARTE)

Conto tantos, vários engraçados já vividos que eu não esqueci. Quem nunca passou por situações inusitadas, algumas sem pé nem cabeça? Algumas curiosas, outras engraçadas. Aquelas constrangedoras em que o buraco da erna é pequeno para esconder a cara envergonhada.

Ficam os vexames, as histórias para os netos e as gargalhadas para as mesas de bares.

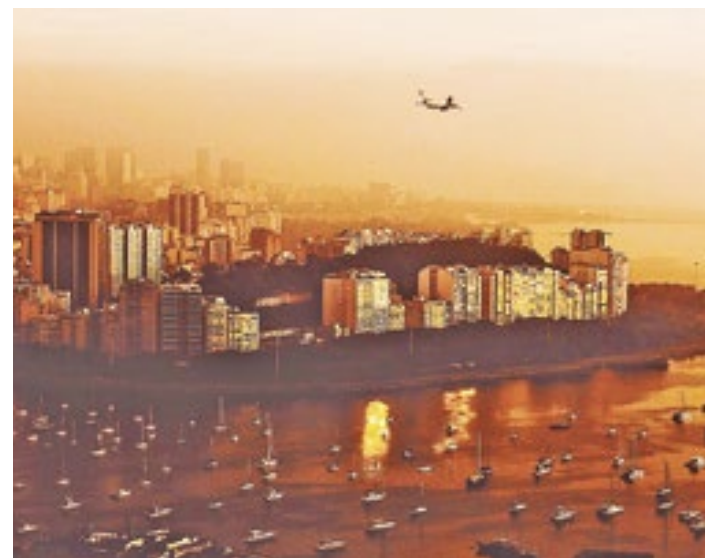
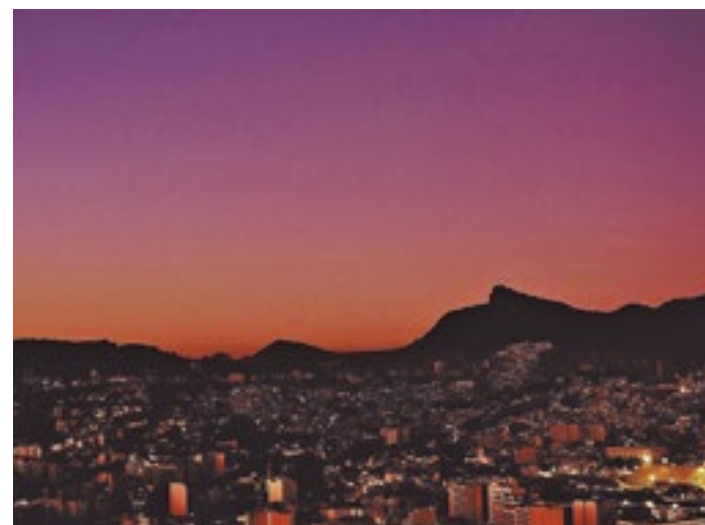
No apartamento, oitavo andar... gritei: "Entrei na casa do vizinho! Entrei de gaiato no apê!"

Uma amiga querida comprou uma nova moradia na planta. Obra programada com entrega garantida.

Tudo certinho, planejado, pensado, calculado... só que deu errado. Ela devolveu a humilde residência em que, até então, morava, calculando transferir-se diretamente para a nova. Assim economizaria uns trocados com o aluguel. Por sua vez, o proprietário do imóvel aproveitou para acomodar a filha que vinha morar no Rio para realizar um doutorado. Tudo encaixado perfeitamente como num quebra-cabeças, em tempos e movimentos sequenciados milimetricamente. Planilhas complexas e completas, tipo uma sai pela manhã e a mudança, que vem de fora, da outra chega à tarde! A completude estava perfeita apenas com um pequeno detalhe: a construtora não cumpriu a data aprazada.

Encontro-a, dias antes, no Centro do Rio, já em um clima de 'o que eu faço amanhã...'. Era um misto de assustada, com olhos em brasa e respingos da chuva do relógio que atrasa. Clipe sem nexos, pierrot retrocesso, que nexos tem, que nexos faz? Havia acabado de me separar, indo viver em um apartamento de dois quartos com cinco utensílios básicos: um colchão, uma arara para as roupas, uma TV mínima, suavemente pousada sobre um caixote de maçãs Red Indians, catado na feira-livre da rua paralela, fogão e geladeira. Me compadeci com a situação e ofereci o quarto 'às moscas' para que ficasse até a entrega das chaves. Ali mesmo fiz uma cópia da chave, entreguei e apresentei meu novo endereço. Simplesmente esqueci a história.

Vários dias depois chego tarde da noite,



momento exaustivo de trabalho, abro a porta e me deparo com um Frajola me olhando sério, cara de quem caiu do caminhão de mudança, em volta vejo uma sala com sofá, poltronas, mesa e cadeiras, luminárias e quadros. Até tapete e cortina tinha.

Assustado, fecho vagarosamente a porta para não dar sinal que havia 'invadido' o apartamento alheio. Estaria ficando louco? Olhei o número na porta. Conferia com o meu; estava lá: '802', mas 'perai' eu não tenho móveis, muito menos gato. Teriam invadido

meu imóvel? Me enchi de coragem, chamei a porta e, novamente, o Frajola agora com cara de poucos amigos, tinha alguma coisa de cão de guarda ali, não sei se era poliglota, mas que ele rosnou, ah, ele rosnou e alto. Resolvi não encarar. **(continua...)**

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Na próxima terça-feira, 23, é comemorado o Dia de São Jorge (ou Ogum), considerado o padroeiro do estado do Rio de Janeiro, junto com São Sebastião. Além dos festejos para celebrar o santo, a data também traz uma tradição gastronômica: comer feijoada. Para quem não sabe, o feijão preto é uma das oferendas que podem ser servidas ao orixá Ogum. Algumas casas, além de colocar o prato no cardápio, também fizeram uma programação musical com muito samba. Confira:

AL FARABI – No próximo dia 23, às 14h, o historiador Luiz Antônio Simas conduz bate-papo em quem explora a trajetória de São Jorge desde sua origem histórica até sua presença marcante na cultura popular brasileira, e, claro, com a feijoada no menu, para seguir a tradição. O prato (R\$ 58 - por pessoa) é servido com carne seca, lombo, rabo, paio e linguiça e acompanhado de arroz branco, couve com crispy de bacon, e laranja. Rua do Mercado, 34 – Centro. Tel: (21) 3553-1518.

AURORA - O tradicional bar e restaurante leva sua clássica feijoada, normalmente servida às sextas e sábados, para o feriado de São Jorge, no próximo dia 23. A receita para duas pessoas (R\$ 105) é cozida lentamente – sem panela de pressão – de um dia para o outro, com costela, carne-seca, linguiça, orelha e pé, servida com arroz, farofa, couve com bacon, laranjas Bahia e dois digestivos cítricos de cachaça com limão e abacaxi. A fatura ficará disponível das 11h às 17h. Rua Capitão Salomão, 43, Humaitá. Tel: (21) 2537-2755.

BARÓDROMO - O bar preparou uma programação especial para o feriado. A tradicional feijoada será acompanhada de muito samba. A partir das 15h, o grupo S.E.R. faz a clássica roda de samba-enredo, que desta vez vai home-



Divulgação

Baródromo

Dia de São Jorge com feijoada e samba

Veja um roteiro de onde comer o tradicional prato e o que as casas preparam para a data

Eduardo Almeida/Divulgação



Bar do Adão

Divulgação



Aurora

Bruno de Lima/Divulgação



Caju Gastrobar

Divulgação



Suru Bar

Divulgação



Grand Hyatt

Lipe Borges/Divulgação



Al Farabi

nagar o Santo Guerreiro. Além da tradicional feijoada completa, servida com arroz, farofa, couve e laranja (R\$ 42 - individual), a casa tem opção vegana: a Feijoada Nota Dez, com abóbora, berinjela, batata doce, cenoura e abobrinha (R\$ 42), servida com couve, arroz, farofa e laranja. Rua Dona Zulmira, 41 – Maracanã. Tel: (21) 21 2504-5754.

BAR DO ADÃO – O bar oferece do dia 19 ao 23 a versão clássica de feijoada (R\$ 38,90 - individual /R\$ 74,90 - 2 pessoas) feita com carnes nobres e carne seca, costela, lombo e calabresa. Entre as guarnições, arroz, farofa de alho, couve refogada na manteiga, torresmo e laranja. Rua Duvivier, 101 – Copacabana. Tel: (21) 3208-3911.

CAJU GASTROBAR - Para o dia de São Jorge, a casa oferece sua feijoada completa (R\$130 - para até 3 pessoas). O prato acompanha arroz branco, farofa, torresmo, couve refogada e laranja. Praça Demétrio Ribeiro, 97 - loja C – Copacabana. Tel: (21) 3264-3713.

GRAND HYATT - No dia 21 de abril, das 13h às 16h, o resort urbano localizado recebe o grupo de samba Beco do Rato, para sua tradicional feijoada. Além dos acompanhamentos clássicos, tem estação de saladas e mesa de sobremesas. A versão vegana do prato também estará no cardápio. Preço: adultos - R\$ 275 | adolescente de 13 a 17 anos - R\$ 206 | crianças de 06 a 12 anos - R\$ 138 | menores de 05 anos acompanhados de um responsável R\$ 10. Av. Lúcio Costa, 9600 - Barra da Tijuca. Reservas: (21) 3797-9524.

SURU BAR - Na dia 23, excepcionalmente, o bar vai abrir as portas para estrear sua feijoada. O prato estará disponível das 12h às 21h. Após a data, a feijoada no prato com couve, vinagrete de laranja, arroz e farofa (R\$ 49) entrará no menu da casa às sextas. Para acompanhar, porção de torresmo (R\$ 20), cerveja de garrafa (a partir de R\$ 13) e caipirinha de limão (R\$ 24) são ótimas pedidas. Rua da Lapa, 151. Tel: (21) 3591-1524.